



AGOSTO no museu



Horário

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)
&
Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Período de verão
1 de abril até 30 de setembro

Terça-feira a domingo e feriados
10h00 às 17h30

Encerramento às segundas-feiras

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Terça, quarta e quinta-feira
09h30-12h00 / 13h30-16h00

Sexta-feira e sábado
17h00-20h00

Encerramento aos domingos
e segundas-feiras

Preço

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)
&
Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Ingresso individual **2.00€**

Jovens entre os 15 e 25 anos
Reformados
Idade igual ou superior aos 65 anos
Docentes
Cartão Jovem Municipal
Grupos de 10 ou mais pessoas **1.00€**

Crianças até 14 anos
Visitas de estudo
Domingos **Entrada Gratuita**

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes
Entrada Gratuita

Moradas e Contactos

Museu de Angra do Heroísmo
(Edifício de São Francisco | Sede)

Ladeira de São Francisco,
9700-181 Angra do Heroísmo
+351 295 240 800

Latitude 38.6569297
Longitude -27.2167038

Núcleo de História Militar
Manuel Coelho Baptista de Lima

Rua da Boa Nova,
9700-031 Angra do Heroísmo
+351 295 218 383

Latitude 38.653773
Longitude -27.223600

Carmina | Galeria de Arte
Contemporânea Dimas Simas Lopes

Outeiro do Galhardo, 13A, Ladeira Grande
9700-353 Angra do Heroísmo
+351 295 248 968

Latitude 38.6575237
Longitude -27.1605434

Siga-nos nas nossas
redes sociais



@MuseuDeAngraDoHeroismo



@museu.angra



museu-angra.azores.gov.pt



O Labirinto da Angústia Pintura de Luís Geraldes

27 de maio a 24 de setembro, Sala do Capitulo



Esta exposição apresenta um grupo de 16 obras e centra-se num período crucial da carreira artística de Luís Geraldes. Através das suas evocativas pinturas, o autor convida-nos a navegar no labirinto da angústia inerente à nossa existência, desafiando-nos a enfrentar as nossas próprias sombras e a refletir sobre a problemática universal da subconsciência humana.

Natural de uma aldeia da Covilhã, Luís Geraldes (1957) mudou-se para Angola com apenas quatro anos e foi aí que aprendeu a magia dos rituais africanos, começando a forjar o seu futuro como artista plástico. Em 1975, porém, com o eclodir da guerra civil, vê-se obrigado a regressar. É nesse momento que descobre as suas raízes judaicas e inicia-se no estudo da Cabala. Já em meados da década de 80, depois de concluir o curso de Arte e Design no IADE e de se fazer membro da Ordem dos Templários, o pintor Luís Geraldes voltou a fazer as malas e emigrou para a Austrália, país onde ainda vive passados quase 30 anos. Os seus quadros estão carregados de simbologia esotérica e científica e neles misturam-se elementos como o ovo cósmico, a árvore da vida, a órbita dos planetas, os átomos ou a espiral do ADN. Tendo já estado presente por diversas vezes nos leilões da conceituada Christie's, a sua arte integra as coleções de museus como o Museu do Chiado, o National Museum of Art, em Israel, ou o Museu de Arte Moderna, em Angola.

O Amanhã Que Nunca Chega

3 de junho a 8 de outubro, Sala Dacosta



Nesta exposição é apresentado um conjunto de trabalhos de João Amado que se centra na incerteza ou na falta de clareza quanto ao futuro, transposta a partir de uma camada translúcida sobre a paisagem da obra, composta por diversos cenários e diálogos, numa linguagem surreal ou fantasiosa.

João Amado (São Miguel, Açores) é um autodidata no universo da Arte. O caráter meticuloso e preciso do seu trabalho, aliado a temas centrados no espírito e na relação do homem com o mundo, tem como objetivo proporcionar ao observador uma sensação de viagem, uma ponte com a fantasia e um retorno ao mais natural. Já marcou presença em dois festivais internacionais de colagem: Paste Up (Cidade do México) e Collagistas (Bruxelas) e esteve presente na exposição inaugural do espaço VAGA, que decorreu a 2020, em Ponta Delgada. Em 2021, expôs a solo no Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, com a exposição *Se podes olhar, vê* (2021). No ano seguinte, em 2022, integrou a residência artística que decorreu na Ribeira Grande, promovida pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD).



Numária da Índia

16 de junho a setembro, Do Mar e da Terra... uma História no Atlântico



A exposição da Coleção de Moedas de Luís Filipe Thomaz foi renovada com a apresentação do seu núcleo de moedas cunhadas na Índia. Encerra-se assim o percurso da coleção e do colecionador pelos três grandes centros de surgimento da moeda, ca. 600 a. C.: a Lídia, na Ásia Menor; a bacia do Rio Huang He (Rio Amarelo), na China; e o Noroeste da Índia. A importância deste conjunto numismático é ainda indissociável da carreira profissional do historiador, que muito cedo estabeleceu laços intensos e profícuos com a presença portuguesa no Oriente ao dedicar-lhe a sua dissertação de licenciatura "Os Portugueses em Malaca, 1511-1580", em 1965.

Museu Adentro Modelos de Aviação Militar, de João Pedro Barreiros e João Bernardo Barreiros

10 de junho a 15 de outubro Do Mar e da Terra... Uma História no Atlântico

João Pedro e João Bernardo, pai e filho, em equipa, dedicaram algum do seu tempo, ao longo de vários anos, à montagem de diversos modelos de aviões, constituindo assim uma coleção cuja temática é a Aeronáutica Militar, representada pelos dois modelos expostos nesta rubrica: o F-14 D Super TomCat, à escala 1:72, montado na sua opção de voo, um avião cujo voo inaugural teve lugar em 1970 e que ainda hoje faz parte do inventário da República Islâmica do Irão, uma vez que este país os havia adquirido aos EUA antes da revolução dos Ayatollah; e o avião sueco SAAB J35 Draken, à escala 1:48, uma aeronave quase ficcional, com uma "dupla" asa delta e um design avançadíssimo, tendo em conta que foi lançado em 1955, tendo-se mantido no ativo até 1993.





Condecorações da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro

Edifício de São Francisco | Memórias

4 de julho a 6 de agosto

A rubrica deste mês destaca um conjunto de condecorações, da classe de Cavaleiro de Colar, da Ordem de Cavalaria do Santo Sepulcro de Jerusalém, insígnias que foram atribuídas ao Monsenhor Manuel Vieira Alvernaz (Pico, 1917 – EUA, 1996), sacerdote e missionário nos EUA, irmão de outro distinto sacerdote, D. José Vieira Alvernaz (1898-1986). Natural da Ilha do Pico, foi responsável pela criação de uma bolsa de estudo para jovens universitários da freguesia da Ribeirinha daquela ilha.

Os Cavaleiros de Santo Sepulcro são escolhidos entre pessoas de fé católica, de conduta moral exemplar, particularmente beneméritas para com as Obras Católicas da Terra Santa e para com a Ordem, como foi o caso da sua atribuição a este sacerdote picaroto.

Este conjunto pertence à Unidade de Gestão de Falerística do MAH.



Estereoscópio e cartões estereoscópicos

Edifício de São Francisco | Memórias

de 8 de agosto a 3 de setembro



O presente estereoscópio integra a Unidade de Gestão de Ciência e Tecnologia, do Museu de Angra do Heroísmo, e está acompanhado por três cartões estereoscópicos, os quais integram o Arquivo de Som e Imagem, também desta instituição. O estereoscópio e os cartões foram doados por Madalena Mendes e Teresa Mendes, em 2022.

Esta peça foi produzida pela H. C. White Co., empresa que pertenceu a Hawley C. White (1848-1925). Este último foi premiado na Exposição Universal Internacional, que decorreu no ano de 1900, em Paris. A referência a esse evento, em língua francesa, encontra-se na própria peça, na parte superior.





Bucha e Estica

Aerogare Civil das Lajes

19 de junho a 30 de outubro de 2023



A mostra destaca um conjunto de peças, pertencente Unidade de Gestão de Brinquedos e Jogos do MAH, que dão corpo à mais famosa dupla cômica da história do cinema – *Laurel & Hardy* ou *Stan & Ollie* –, um par visto e adorado por todo o mundo há mais de 80 anos, que, em Portugal, ficou conhecido como *Bucha e Estica*.

Estes já raros brinquedos em borracha emitem som ao serem apertados e ostentam na parte de trás a marca “Larry Harmon Pictures Corp.”, empresa que, desde 1958, atua na área do desenvolvimento de marcas mundiais, representação de personagens e *merchandising*. Esta empresa adquiriu os direitos de representação exclusiva de *Bucha e Estica* há mais de 40 anos.

Coldre de Arção para Oficiais Gerais

Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima

27 de junho a 26 de setembro de 2023

Esta rubrica destaca um par de coldres de sela, com as respetivas capeladas, destinados aos oficiais-generais, de Brigadeiro a Tenente-General, que foram regulamentados pelo decreto de 10 de março de 1852 como fazendo parte do arreio para cavalo destinado a estes postos do Exército. Este modelo de coldres é de grande raridade e integra o acervo da Unidade de Gestão de Militar e Armamento do Museu de Angra do Heroísmo.

Funcionalmente, os coldres de sela, ou de arção, enquanto acessórios de arreio, deixaram de ser usados com a vulgarização do uso militar de revólveres ou pistolas de carregamento automático, de menores dimensões, que passaram a ser portadas num coldre suspenso no cinto do cavaleiro. Apesar de desprovidos da sua função, os coldres de sela conservaram-se em uso como elemento decorativo em alguns arreios militares de aparato.



Brincar ao Antigamente



O Serviço Educativo do MAH sugere a realização de uma sequência de jogos tradicionais, dando ênfase às brincadeiras de outros tempos. Deste modo, trazemos novamente à memória dos mais jovens jogos como: a cabra-cega, o macaquinho do chinês, o passará, entre muitos outros. Tendo em conta que vivemos numa sociedade envolta em novas tecnologias, vamos procurar desenvolver as habilidades físicas e motoras das crianças, perpetuando este legado cultural e geracional.

Público-alvo: adaptável a faixa etária.

Reconstruindo Ideias



O MAH, através do seu Serviço Educativo e no âmbito da dinamização da exposição *O Amanhã Que Nunca Chega*, promove uma oficina intitulada *Reconstruindo Ideias*, com o intuito de proceder à decoração de cadeiras através de várias técnicas relacionados com *scrapbooking* e *papel machê*.

Público-alvo: adaptável a faixa etária.

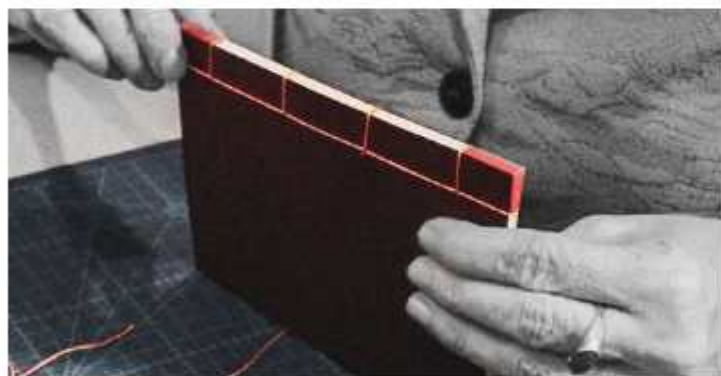
Monstros Pedagógicos



A exposição *Labirinto da Angústia*, de Luís Geraldes, reflete a versatilidade da sua obra e o processo de gestão das emoções humanas através da Arte. Desta forma, a oficina prática visa explorar a criatividade emocional e a comunicação não-verbal dos intervenientes. A mesma materializar-se-á na construção de um monstro imaginário, elaborado com materiais reciclados e recorrendo à técnica de recorte, com o intuito de desenvolver as aptidões sociais e emotivas dos mais jovens.

Público-alvo: adaptável a faixa etária.

Diário Gráfico



O Serviço Educativo trás uma atividade de construção de um diário gráfico a partir de uma técnica de encadernação japonesa, simples e abrangente a diversos materiais, onde cada um poderá criar o seu próprio caderno. Nesta atividade pretende-se desenvolver a criatividade e sensibilidade estética dos seus participantes, numa visita leve e descontraída, onde o objetivo é dar a conhecer os vários espaços e peças do MAH, de modo a que cada um registe a sua experiência no seu diário gráfico.

Público-alvo: adaptável a faixa etária.

Do Digital ao Papel



A *Comina* – Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes acolhe a exposição de Luís Geraldes intitulada *Da Pintura ao Blockchain*, onde se pode entrar num novo mundo de obras digitais. Depois de uma visita guiada à exposição, seguimos para um ateliê onde cada formando irá criar a sua silhueta, com cordel e outros materiais, recriando os NFT's representados nas obras de Luís Geraldes. Com o intuito de desenvolver a criatividade dos mais novos, vão ser utilizados recortes de jornais e de revistas em bases de cartolinas coloridas, incutindo também os valores de reciclagem e reutilização de materiais.

Público-alvo: adaptável a faixa etária.

Consultar o sítio do Museu de Angra para aceder a outras ações de dinamização das exposições de longa duração e reservas, passíveis de serem realizadas quando solicitado: <http://museu-angra.azores.gov.pt/museu-educativo.html>. Visitas orientadas e frequência e ateliês dependentes de agendamento prévio, via telefone 295 240 800 ou através do e-mail museu.angra.agenda@azores.gov.pt.

Visitas Guiadas à Fortaleza de São João Baptista do Monte Brasil

Quarta a domingo
10H00 às 12H00 e das 14H30 às 16H30

Ingresso no valor de 5€ inclui visita ao Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima.

Frequência limitada a 20 pessoas por grupo.

Agendamento através do telefone **295 218 383** ou do e-mail museu.angra.info@azores.gov.pt.

O Museu de Angra do Heroísmo reserva-se o direito de cancelamento da visita, até trinta minutos antes da mesma, por motivos de ordem meteorológica ou outra.



Do Mar e da Terra... uma História no Atlântico

Esta exposição constitui a principal narrativa expositiva do Museu de Angra do Heroísmo. Desenvolve-se ao longo de quatro momentos, que vão da descoberta e povoamento das ilhas até à contemporaneidade da Região, pretendendo aprofundar a cultura e história da Ilha Terceira e dos Açores, através das peças mais significativas e de maior valor da instituição.



1º Momento



2º Momento



3º Momento



4º Momento

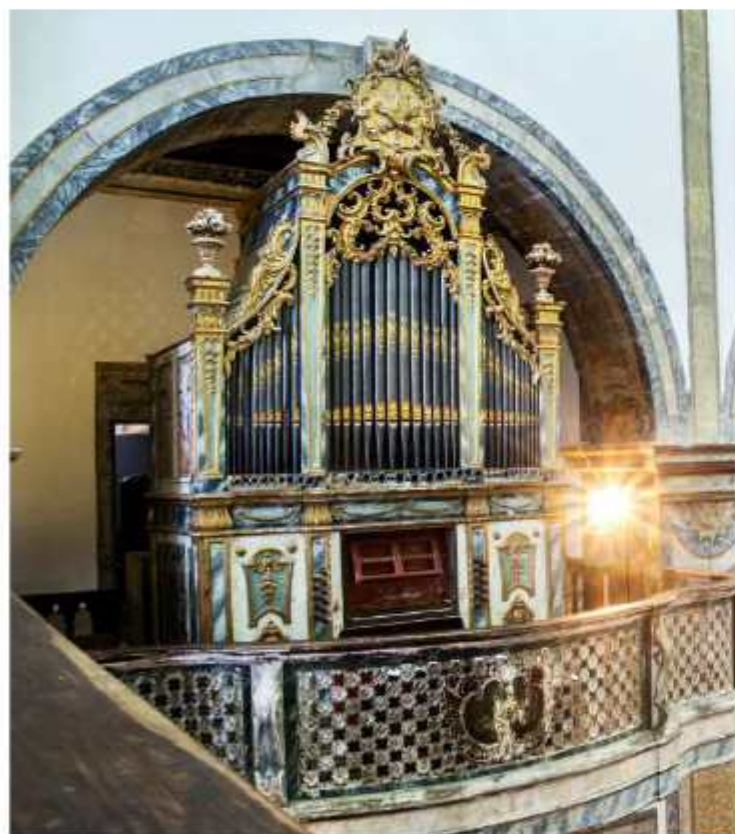


Edifício de São Francisco Memórias



Na sala junto à receção deste Museu, apresenta-se a história deste espaço conventual e das instituições que o ocuparam ao longo de décadas e até séculos, desde que aqui se instalaram os frades franciscanos.

Coro da Igreja de Nossa Senhora da Guia



O coro era um local de acesso exclusivo aos residentes do convento, os frades franciscanos, que louvavam a Deus e intercediam pela proteção divina, através da oração coletiva, do canto e da introspeção individual. Acima do cadeiral, as paredes encontram-se revestidas por um rico e magnífico apainelamento de azulejos da primeira metade do século XVIII, atribuído a Teotónio dos Santos (1688-1762), que narra episódios da vida de São Francisco. Junto ao coro, encontra-se um órgão, datado de 1788, o mais antigo existente nos Açores da autoria de António Xavier Machado Cerveira, um dos maiores mestres organeiros portugueses.

Portugal, os Açores e a Grande Guerra



Esta exposição constitui uma bolsa temática sobre a participação de Portugal e dos Açores na Grande Guerra. A contextualização temática da mesma é obtida com a utilização de elementos cartográficos, fotográficos e filmicos, que permitem ao visitante perceber o que era a Europa e o mundo, antes e após o fim deste conflito. Os países participantes são representados através de capacetes e outros objetos militares como armas, máscaras antigas, lanternas e sistemas de comunicação, que remetem para o ambiente vivido nas trincheiras.

Igreja de Nossa Senhora da Guia



A Igreja de Nossa Senhora da Guia é um exemplo daquilo a que George Kubler chamou de estilo chão (plain style), estilo arquitetónico português marcado pela austeridade das formas. Ergue-se sensivelmente no mesmo local de uma pequena capela mandada construir, ainda no século XV, com o mesmo orago, pelo navegador Afonso Gonçalves de Antona Baldaia, um dos primeiros povoadores da ilha, junto à sua moradia, que doou, aquando da sua ida para a Praia, aos primeiros frades franciscanos, tendo a capela passado a servir como igreja conventual. Na carta de J.H. Van Linschoten, figura já uma edificação remodelada e acrescentada no século XVI. Edificado entre 1666 e 1672, o templo agora existente tem três naves: a central, que termina na capela-mar; a do lado do evangelho, que termina na porta de acesso à antessacristia; e a do lado da epístola, que conduz à capela atualmente denominada da Ordem Terceira e que primitivamente foi da "mercearia" instituída por André Gomes em 1522.

Reserva de Espécies em Pedra: As Pedras dos Homens



A Reserva de Espécies em Pedra do Museu de Angra do Heroísmo reúne materiais variados que ilustram quotidianos do passado da ilha desde os primórdios do seu povoamento. Pedras tumulares e brasões, uma grande variedade de elementos arquitetónicos de antigos edifícios civis e religiosos e equipamentos próprios das atividades domésticas são algumas das peças que aqui se podem observar. Curiosidades como uma lápide do século XV, provavelmente a mais antiga conhecida nas ilhas açorianas, lajes tumulares da comunidade protestante do princípio do século XIX na Ilha Terceira e brasões municipais de meados do século XX, que não chegaram a ser utilizados, aguardam a sua visita.

Reserva de Transportes dos séculos XVIII, XIX e XX



No espaço do antigo refeitório conventual, decorado com painéis de azulejos datados do século XVII, o visitante encontra uma variada coleção de transportes de tração animal dos séculos XVIII e XIX de diferentes proveniências, bem como um exemplar de Ford T o primeiro carro a ser produzido em série, revolucionando a indústria automóvel.

E o Aço Mudou o Mundo: Uma Bateria Schneider-Canet nos Açores

A bateria de 7,5 cm de Tiro Rápido Schneider-Canet existente no Museu de Angra do Heroísmo é a única completa em instituições museológicas, incluindo os arreios m/1917, os armões de tração, os carros de munições e os carros-oficina, fundamentais para a uma rápida entrada em posição e conservação do seu potencial de combate. Baterias como a exposta foram adquiridas à fábrica Schneider Frères & Cie., por Portugal, em 1904, tendo sido decisivas na vitória republicana de 5 de outubro de 1910 e na consolidação do regime republicano, no decorrer da 1ª República, ou ainda, no contexto da Grande Guerra, ao acompanhar a Força Expedicionária a Angola, em 1915. Já no contexto 2ª Grande Guerra, no início de 1941, de modo a reforçar o dispositivo militar nos Açores, foram distribuídas pelas ilhas de São Miguel, Terceira e Faial.





O Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima, instalado no antigo Hospital Militar da Boa Nova, acolhe a notável Coleção de Militar e Armamento do Museu de Angra do Heroísmo, sendo o único museu português não integrado no Ministério da Defesa subordinado a esta temática, em que estão representados os três ramos das Forças Armadas nacionais e estrangeiras. Anteriormente repartida por vários núcleos e reservas, dado a diversidade, volume e quantidade das peças que a constituem, esta coleção é trazida ao público através de três exposições temáticas de longa duração, que, a par de uma explanação da evolução e funcionalidade das armas e de um convite à reflexão sobre as grandes questões éticas, morais e sociais inerentes aos conflitos bélicos, documentam a personalidade e vivências pessoais do patrono Manuel Coelho Baptista de Lima e a história do próprio edifício. Composto por peças de artilharia ligeira e pesada, armas de fogo, armas brancas, proteções metálicas, projéteis, equipamento de logística, arreios, uniformes e condecorações, este acervo, na sua maior parte acomodado em reservas concebidas em obediência à tipologia dos diferentes materiais, reflete o interesse pela área militar e o espírito colecionista do primeiro diretor do Museu de Angra do Heroísmo, Manuel Coelho Baptista de Lima, que, durante mais de três décadas, garantiu por várias vias o seu enriquecimento. O antigo Hospital Militar da Boa Nova é uma estrutura construída de raiz com esta finalidade, nos inícios do século XVII, no tempo da União Dinástica, situado à ilharga da imponente fortaleza filipina, conhecida vulgarmente por Castelo de São João Baptista.



Da Flecha ao Drone

Esta exposição de longa duração remete para a evolução das armas em articulação com a história da humanidade, organizando-se em cinco núcleos temáticos, dispostos de forma diacrónica, tornando possível a ilusão de uma viagem no tempo e no espaço, até aos campos de batalha e ao seu contexto envolvente. O acervo da exposição é composto por armas brancas e de fogo, esfragística, documentos gráficos e de belas artes, uniformes e peças de proteção do corpo, instrumentos musicais, peças de artilharia e material de apoio, transportes e logística.



Memória e Novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano

A exposição *Memória e Novidade: Manuel Coelho Baptista de Lima e o Património Açoriano* visa historiar o desempenho deste intelectual angrense, referenciando a sua intenção de construir um discurso identitário e uma memória açoriana, dissonantes do regionalismo etnográfico da primeira metade do século XX, e evidenciando o seu contributo para a utilização, no arquipélago, de novos modelos europeus de gestão e defesa patrimonial, que vão marcar a génese da ação pública regional nesta área.



O Hospital Real da Boa Nova

Sob este título, reúnem-se as memórias de uso do edifício que terá sido, tanto quanto se conhece, um dos mais antigos, senão o mais antigo hospital militar do mundo, já que, até então, os doentes civis e militares tendiam a misturar-se nas instalações existentes. Tendo a sua raiz primeira no hospital de campanha trazido por D. Álvaro de Bazan, aquando da conquista da ilha Terceira, em 1583, o edifício filipino desenvolveu-se alinhado com a capela de Nossa Senhora da Boa Nova e crescendo, nos tempos de D. José I, com uma ampla enfermaria nova. Os modos de ver a doença e a saúde, na sua relação com o sagrado e com as mezinhas e tratamentos arcaicos, bem como as memórias do que aconteceu neste edifício secular, são revisitados em painéis e peças, na antiga capela e sacristia anexa, recordando a assinatura da rendição espanhola, em 1642, após um memorável cerco de onze meses, mantido pela população e milícias da ilha Terceira, com auxílio das de outras ilhas dos Açores; a pregação de António Vieira, em 1654; a figura do cronista maior da Terceira, Manuel Luís Maldonado (1644-1711), autor da Fenix Angrense e administrador do hospital, que aqui está sepultado; e a instalação, durante algum tempo, do prelo inglês com que foi inaugurada a imprensa nos Açores.





A Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes funciona, desde 9 de outubro de 2020, como um núcleo do Museu de Angra do Heroísmo, na sequência da sua doação à Região Autónoma dos Açores pelo seu fundador, cujo nome ostenta, conceituado artista plástico na área da pintura e da escultura. Fundada em 17 de julho de 2004, a Carmina Galeria foi durante oito anos um polo difusor da Arte Contemporânea na ilha Terceira, assumindo-se como um laboratório de artes e um espaço aglutinador de diferentes expressões culturais, pretendendo-se que continue a afirmar-se como um centro de referência para a divulgação, reflexão e fruição ao nível das diferentes áreas artísticas.

